

Eva Kroth

## A LUZ NEGRA DO SOL

Estou vendo a luz do Sol. As sete cores espectrais da luz solar brilham e refletem em mim. Sou um prisma da luz solar. Sou sólida, líquida e gasosa. O sólido é como um prisma sólido, não consigo ver a refração da luz em mim. A água em mim separa a radiação solar como um prisma de vidro. As partes gasosas em mim refratam a luz do Sol em ondas com linhas negras.

Ondas e feixes de luz, conhecidos ou desconhecidos, me tocam e vibram em mim. Eles refletem através de mim em direção ao Sol e para o Universo. Ao lado da luz visível existem ondas de luz que nós não vemos mas podemos medir: as ondas eletromagnéticas, luz ultravioleta ou raios gama. Então a luz é matéria ou não matéria? Algumas teorias chegam ao meu consciente: luz é matéria, são partículas que podemos medir, radiação ionizada. A luz consiste apenas de ondas que nós diferenciamos em suas frequências? A luz é espacial? Nós reconhecemos a luz só por meio dos corpos de ressonância que ela atinge?

O espaço entre as estrelas é vazio ou cheio de matéria invisível? Eu vejo uma linha: é a linha de separação entre matéria e não matéria. Nós traçamos a fronteira respectivamente de acordo com nosso nível de conhecimento. Assim formamos nossa realidade.

Eu vejo a linha. Ela não é fixa. Ela é uma decisão coletiva que determina nossa vida. Ela muda constantemente. Por meio de aumento de conhecimento e consciência. Luz vibra entre matéria e não matéria.

Nossos olhos veem as sete cores espectrais da luz. Nós vemos a escuridão como o outro lado da luz. Nosso consciente delimita as ondas que nós percebemos. Uma infinidade de ondas e feixes de luz vibram até nós das vastidões do universo e trazem informações que nós ainda não conseguimos decifrar. Não conhecemos seu lugar de origem nem o consciente do seu espírito. Vivemos em nosso corpo, sobre a Terra, no nosso Sistema Solar, na nossa galáxia. Essas são as fronteiras do nosso consciente. O Sol é agora o centro da nossa vida. A luz dele nós podemos ver e entender.

Podemos refletir a luz dele porque somos prisma. Modificada por nós, a luz dele volta para o Universo. Nós não engolimos a luz, nós a transformamos. Muita

coisa do nosso consciente vai se tornar luz quando pudermos nos abrir para informações do Universo até então desconhecidas. Agora somos prisma consciente do Sol e para o Sol. A Terra também recebe e transforma a luz do Sol e a nossa luz e a de todos os seres vivos da Terra. Assim as mensagens da vida sobre a Terra podem ser levadas para todos os sóis da nossa galáxia e para o centro da Via Láctea. De lá as mensagens continuam vibrando para todas as galáxias do Universo.

Agora estou vendo as faixas pretas na luz do Sol. Todos os tipos de luz ou ondas têm essa parte negra no seu espectro. É o desconhecido nelas, o desconhecido da sua origem e do seu significado. Nessa parte negra está contido tudo o que nos é desconhecido e inexplorado.

Muitos segredos estão escondidos no preto e permanecem sempre inexplicáveis. Independentemente de quanto a ciência decifre da vida ou nosso consciente se abra.

O limite entre a matéria e o segredo atrás dela é fluido. Ele se transforma a cada dia. Assim como nós ampliamos nosso consciente a cada dia enquanto vivemos e nos reconhecemos.

Em busca da verdade da matéria sempre vamos nos perder, já que a verdade e a origem da vida são tão mutáveis quanto nós. E, como estamos sempre nos transformando, a verdade se transforma conosco. O tempo e os acontecimentos nos transformam continuamente. Nunca vamos poder controlar a verdade da matéria.

Agora estou me abrindo para o negrume. Estou indo em direção ao Sol. A luz fica clara e cada vez mais clara, se torna radiantemente branca e clara, não consigo ver mais nada. Entro numa parede como numa barreira do som. Estou dentro do negrume. Estou dentro do segredo em que tudo está contido. É o segredo do infinito. É maravilhoso.

Estou na luz negra do Sol. Me unifico com o segredo. Entro no espaço da origem de forma e matéria. O espaço do conhecimento total. Tudo está contido nele. Ele é o outro lado em tudo.

Estou no espaço infinito.

Lanço um olhar ao infinito, no qual nada está contido em nenhuma forma, mas tudo está lá. Nada tem forma, nada é material, não existem limites, nenhum espaço preenchido por matéria ou não matéria, nenhuma onda, nenhuma radiação. Mas tudo está lá, como ideia, como energia de dimensão infinita.

A força da minha imaginação não é suficiente para compreender tanta força e beleza. Sinto que só consigo perceber uma fração disso, pois nada nem ninguém consegue suportar essa força; meu consciente também não, mesmo que fosse ainda mais livre e sem fronteiras. É como se eu estivesse às margens de alguma coisa e apenas tivesse um pressentimento do que está oculto ali dentro.

O espaço não está vazio, ele é infinito.

Não se pode ver nem sentir nada. Nenhuma onda encontra matéria e reflete de volta. Nada pode se mover, já que lá não há nada.

Pura energia. Puro espírito. Tudo existe como um mundo espelhado sem matéria, um mundo infinito como espelho da realidade. Tão real quanto nosso mundo e no entanto não real. Tudo está presente, cada galáxia possível, cada desenvolvimento possível, cada matéria possível, cada ser vivo, cada tempo. O mar infinito das possibilidades. Todas estão lá mas não tangíveis pela nossa noção de tempo e espaço. É um mar infinito de energia criadora e força sem matéria.

Não posso ver nem sentir nada. Não vejo nenhuma cor, nenhum estado, nada.

Mas eu sei que tudo está aí, tudo numa força infinita. Ela também está em mim. Eu reconheço que tenho que me separar dessa força infinita com meu consciente. Senão não poderia viver.

Fico no limite de poder captar essa força, pois estou num corpo com um consciente limitado. Meu consciente não está à altura dessa força. Sinto que estou à margem e só ousou um olhar. Tento compreender e reduzir a palavras e expressões. Quero tornar palpável o que vivencio. Mas alguma coisa em mim diz que não estou separada do infinito. Nada está separado dele. Tudo o que existe está presente no infinito, nada está separado. Mas onde está o caminho para a matéria?

Onde está o começo, o começo do adensamento?

A pergunta em si é o começo. Ela é o consciente que se separa do mar do infinito. Um tom poderoso se forma em mim, tão poderoso como a onda de um gongo, como milhares, como infinitos gongos. Surgem vibrações e formam ondas de energia. Cada pergunta de todas as formas de consciente existentes depois do começo da matéria se adensa num tom vibrante. A vibração do tom que escuto é tão poderosa que não posso suportá-la. Meus ouvidos não a suportariam, nenhuma célula poderia suportá-la, tudo em mim se estilhaçaria como um pedaço fino de vidro.

A vibração tem o poder e a força de devastar e destruir tudo o que é. A vibração é infinita. Ela vibra no Universo infinito e no meu consciente. Eu tenho que separá-la, desmontá-la, para poder suportá-la e jogar com ela. Tenho que separar para ser. Nós vivemos. Nós não perdemos o infinito. Somos espelho do espírito e infinitos. Em cada escurecimento, em cada segundo do nosso ser, somos espelho do espírito no adensamento, nunca separados e no infinito ciclo com o infinito.

Meu espírito é infinito. Eu me separo do mar do infinito. Mas é só meu consciente que me espelha a ilusão da separação. Sou uma onda de som que inunda tudo, em mim e no Universo.

O tom do gongo é o tom do consciente infinito. Ele vibra rumo ao infinito. Ele vibra dele de volta, como se cada som que vibra de mim estivesse voltando da eternidade. Ele é o que eu consigo perceber do infinito do espírito. Ele é espírito que tomou forma. Ele é o consciente de tudo. Eu divido. Eu separo. Eu separo a força do meu consciente na criatividade, com a qual eu formo a viagem das minhas muitas vidas. O tom vibra em intercâmbio com cada consciente de todas as vibrações separadas do infinito.

Eu separo o tom em sete cores, as sete cores espectrais que juntas produzem luz branca, a luz do Sol, a luz do consciente. Nas cores da luz vou tomar conhecimento do meu espírito – como onda, como separação da unidade, como consciente coletivo. Vou tomar um corpo que dá liberdade de ação ao espírito. Com o espírito coletivo de todos os conscientes vou desenvolver uma ciranda criadora do espírito e realizar ideias do reflexo do espírito.

Sou criadora, já que separo meu consciente do conhecimento total de uma forma individual. Esqueço que sou infinita e me restrinjo ao adensamento do meu espírito. Mas mantenho a possibilidade de integrar meu espírito ao adensamento em qualquer momento da minha vida.

Vou estar em um corpo e me sentir separada, isolada e solitária. Mas em minha vida estará incluída a possibilidade de integração.

Meu espírito vai sentir o isolamento no adensamento como dor e separação, mas eu nunca estarei separada do infinito em mim.

Meu espírito vai se adensar num eu separado do coletivo. Esse é o caminho que cada consciente segue a caminho do adensamento.



Meu espírito vai se tornar inconsciente como contraponto do consciente. Isso vai dar mobilidade ao meu espírito e manter o desejo pelo consciente da unidade.

Meu espírito vai classificar o adensamento como escurecimento. Ele vai avaliar esse adensamento e escurecimento, vai declará-lo como maligno e ansiar pela luz.

O escuro vai adquirir forma e figura. Meu espírito vai se perder na escuridão. Ele vai dar forma ao sentimento de separação da unidade do espírito como escuridão na vida, como desorientação, como isolamento, como silêncio, como nebulosidade e separação de todo espírito.

Meu espírito vai se tornar inconsciente. Ele vai consolidar os tons ou cores espectrais da luz do Sol em pedras preciosas brilhantes. Ele faz isso inconscientemente e não sob a luz do consciente. Meu espírito vai ser separado no adensamento, como escurecido e inconsciente.

Mas por trás da separação do infinito sempre vai fluir para mim a força infinita do espírito – não consciente mas existente. Essa força inconsciente é minha vida. Ela alimenta minha vida e todas as outras vidas de todos os

universos. Ela flui em nós e nos deixa procurar pela unidade que perdemos para podermos viver.

Minha missão nessa vida será libertar meu espírito da ideia de que eu esteja presa no mundo material, do escurecimento, no maligno, na desorientação, no isolamento e aprisionada no silêncio.

Vou reconhecer que estou sempre em harmonia e em troca com o infinito do espírito, já que sou reflexo do espírito infinito e não estou separada dele.

Sou espelho ou sou real?

O mundo é espelho do espírito ou é real?

Eu me unifico com meu reflexo.

Eu me torno espírito, que se reflete num corpo.

Eu me torno corpo, no qual o espírito se reflete. O círculo se fecha. O fluxo do ciclo flui infinitamente. Como espírito no espelho e espelho do espírito em toda manifestação.

Copyright © Eva Kroth  
Tradução do alemão: Teresa Nunes,  
agosto de 2018